

# OS COMENTÁRIOS EM REDE: PRODUÇÃO TEXTUAL OU AMONTOADO DE FRASES?

Sheila Alves de Oliveira (UFPE)<sup>1</sup>  
sheila\_alves18@hotmail.com

## Introdução

Não é de hoje que os teóricos do campo linguístico deparam-se repetidamente com a heterogeneidade com que as linhas de pesquisa vêm refletindo sobre o objeto analítico da Linguística. Dada a complexidade da natureza textual, diferentes recortes feitos no objeto, permitem abordagens que vão desde preocupações especificamente linguísticas a reflexões que se apoiam em outros campos de estudo, como por exemplo, a pesquisa sobre o processo de construção dos sentidos.

Este trabalho pretende atuar no ponto nodal que mais tem causado discussões e divergências nos estudos linguísticos, trata-se das reflexões acerca da natureza textual e dos seus processos de significação, principalmente após os desenvolvimentos tecnológicos, em que novas formas de escrita e leitura fazem parte do cotidiano dos usuários da língua. Para tanto, será feito um breve percurso sobre a noção de *texto* nos estudos da Linguística Textual passando pelos seus três momentos principais. Em segundo lugar trabalharemos à luz das pesquisas de Pierre Lévy, no que diz respeito ao ciberespaço e de Marcuschi sobre o hipertexto a fim de construir um dispositivo teórico que nos sirva na tarefa de refletir sobre a proposta analítica. Por fim, reconhecendo que com o advento da internet um novo conceito de texto passou a existir, a busca será por refletir se os comentários feitos nas postagens do Facebook podem ser considerados como produção textual à luz do atual escopo teórico da linguística textual.

## 1 A Linguística Textual e suas contribuições sobre o conceito *Texto*

A linguística textual é parte de uma busca teórica ampla iniciada na década de 60 e teve como medida primeira contrapor-se à linguística estrutural, tendo em vista ampliar o objeto de estudo que na conjuntura teórica precedente reunia suas forças ao redor da frase. É nessa nova proposta que o sujeito e a situação de comunicação são reintroduzidos aos estudos linguísticos. Ampliar o objeto implica buscar ferramentas que auxiliem nas necessidades teóricas que surgirão e, sendo este objeto o texto, as necessidades recaem sobre sua natureza diferenciada, pois como veremos mais à frente, não se pode pensar em um *continuum* teórico que parte dos fonemas, passa pelos morfemas, frases até chegar ao texto, há diferenças que interferem diretamente na teorização desses fenômenos.

Adam (2008) faz um percurso interessante a respeito das teorias precedentes que, ora confrontadas, ora assimiladas deram margem aos estudos textuais da linguística de texto. Émile Benveniste (1976, p. 53) ao afirmar que “é no discurso, atualizado em frases, que a língua se forma e se configura.” traz à evidência a realização do discurso<sup>2</sup>, em contrapartida aos interesses saussurianos que colocavam a língua como objeto analítico. É então com essa nova proposta de enfoque que nos anos de 1950 o discurso passa a ser estudado em

<sup>1</sup> Aluna de Mestrado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco PPGL – UFPE.

<sup>2</sup> Ao seguir o caminho inverso percorrido por Saussure, Benveniste progressivamente designa através do interesse nos estudos discursivos, o que ele vem a chamar de *enunciação*. Em 1970 no famoso texto *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste conceitua a enunciação como sendo um processo, um ato pelo qual o locutor mobiliza a língua por sua própria conta, seria então o ato de apropriação da língua que introduz aquele que fala na sua fala. O produto desse processo é o *enunciado*, cujas características linguísticas são determinadas pelas relações que se estabelecem entre o locutor e a língua.

profundidade, surge a análise do discurso e a linguística textual, vale salientar que de maneira autônoma. Com distanciamentos e aproximações entre as duas disciplinas, Adam (2008, p.43) define “a linguística textual como um subdomínio do campo mais vasto da análise das práticas discursivas” pontuando uma fronteira, ainda que porosa, entre os interesses de cada uma delas.

Como boa parte das teorias que se propõe a investigar objetos de natureza complexa, a linguística de texto passou por reformulações a respeito de seus interesses conceituais e metodológicos. É o que Koch (2004, p. 11) pontua ao afirmar que o desenvolvimento desse ramo “vem girando em torno das diferentes concepções de texto que ela tem abrigado durante seu percurso, o que acarretou diferenças bastante significativas entre uma e outra etapa de sua evolução”. As mudanças principais podem ser elencadas em três momentos, ressaltando que não se tratam de evoluções cronológicas, alguns teóricos destacam que esses movimentos se deram simultaneamente, de forma independente.

### **1.1 Análise transfrástica: “o texto como uma combinação de frases”**

Devido às falhas das gramáticas da frase no tratamento de fenômenos como as referências, as relações entre sentenças não ligadas por conjunções, enfim, fenômenos que só podem ser explicados em termos de texto ou em referência a um contexto situacional, os avanços linguísticos recaem na chamada *análise transfrástica*. Nesse período, o texto era na maioria das vezes pensado “unidade linguística (do sistema) superior à frase” ou como “sucessão ou combinação de frases” (KOCH, 1995, p. 21). O que definiria um texto era um conjunto de propriedades expressas na forma de organização do material linguístico. No entanto, essa forma de pensar o texto não explicava fenômenos como, por exemplo, a ausência de elementos coesivos (conjunções) não afetar a coerência de determinados textos. Questões como essa abriram espaço para a necessidade de outras formas de pensar o texto. Foi então que a fase transfrástica abriu espaço para a constituição das gramáticas textuais.

### **1.2 Gramáticas textuais: “o texto como sistema uniforme, estável e abstrato”**

É com a elaboração das gramáticas do texto que, segundo Marcuschi (1998) o texto é introduzido pela primeira vez como objeto de estudo da linguística. Essas gramáticas procuravam estabelecer um sistema de regras finito e recorrente que seria partilhado por todos os usuários da língua. É nessa fase que observamos uma forte influência dos estudos gerativistas propostos por Chomsky, principalmente no que diz respeito à chamada competência linguística do falante. Postulava-se, assim, que todo falante possuiria uma competência textual que o capacitaria a distinguir um texto bem formado de um amontoado de frases. Essa capacidade textual básica seria, segundo Charolles (1989, *apud* BENTES, 2006, p.250) dividida em três competências: capacidade formativa, capacidade transformativa e capacidade qualificativa.<sup>3</sup>

Nessa conjuntura, o texto é repensado como “a unidade linguística hierarquicamente mais elevada, (que) constitui uma entidade do sistema linguístico, cujas estruturas possíveis em cada língua devem ser determinadas pelas regras de uma gramática textual” (KOCH, 2004, p. 6). Com o passar dos anos, no entanto, observou-se que as gramáticas do texto eram ineficientes para o estabelecimento das regras que poderiam descrever todos os textos

---

<sup>3</sup> Essa competência textual, segundo as reflexões desse período, assemelhar-se-ia à competência linguística e capacitaria o falante a distinguir um texto bem formado de um amontoado de frases. Junto a tais capacidades, as gramáticas textuais teriam a função de “verificar o que faz com que um texto seja um texto; levantar os critérios para a delimitação de textos e diferenciar as várias espécies de texto” (BENTES, 2006, p. 250-251).

possíveis em uma língua natural, parte dessa carência vinha do fato de que nesse período os textos em situações reais de interação não eram considerados. Visto isso, sentiu-se então a “necessidade de ir além da abordagem sintático-semântica, visto ser o texto a unidade básica de comunicação/interação humana” (KOCH, 2004, p. 13).

### 1.3 A teoria do texto: “o texto como processo”

O terceiro momento dos estudos do texto passa por uma grande transformação, a tendência que domina se dá a partir da virada pragmática, ocasionada pela consideração de que o texto passa a ser a unidade de comunicação e interação humana. Para Costa Val,

“O que ganha relevo é a compreensão de que a significação de um texto não se encerra nem se resolve nele mesmo, mas se produz na relação desse texto com o contexto em que ele ocorre, nas ações que, por ele, com ele ou nele, os falantes realizam” (2000, p. 36)

Como pudemos acompanhar, a competência textual que dominava os interesses conceituais até meados da década de setenta, cede espaço à noção de textualidade, como também ao conjunto de condições externas à língua, necessários para a produção, recepção e interpretação do texto como ressalta Marcuschi (1998). Ainda segundo o autor, o texto visto agora como um *evento comunicativo*, deve obedecer a regras mínimas para atingir tal objetivo e, caso essa meta não seja alcançada e o artefato linguístico não produza sentido, a proposta falhará. Porém afastando qualquer interpretação sistemática e estruturalista do que venha a ser textualidade, o autor alerta que “Não se trata de tomar os princípios da textualidade como propriedades imanentes ao texto como tal, mas como estratégias de processamento propiciadas pelo produtor daquele texto”. (p. 14)

É esse período em que a teoria assume uma feição interdisciplinar, dinâmica, funcional e processual que os conceitos antes postos à margem, passam a ser fundamentais para refletir sobre a competência comunicativa, que seria a capacidade de atuar de forma satisfatória em situações sociais de comunicação. O presente trabalho busca acionar os pressupostos dessa linguística de texto resignificada, pois como bem observado,

A Linguística Textual ganha uma nova dimensão: já não se trata de pesquisar a língua como sistema autônomo, mas sim o seu funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade concreta. Passam a interessar os “textos-em-funções”. Isto é, os textos deixam de ser vistos como produtos acabados, que devem ser analisados sintática ou semanticamente, passando a ser considerados elementos constitutivos de uma atividade complexa, como instrumento de realização de intenções comunicativas e sociais do falante (KOCH, 2004, p. 14).

Junto a Koch, buscamos entender o texto como processo, como sendo um dos componentes na atuação comunicativa e que tem em sua definição, uma forte dimensão pragmática, sendo assim, a busca pela significação de um texto transcende as informações que ele veicula, recaindo sobre o contexto boa parte da responsabilidade pela construção dos sentidos. Com essa nova perspectiva, Beaugrande & Dressler (1981, apud KOCH, 2004) pontuam que para considerar um texto como uma ocorrência comunicacional, o mesmo deve atender sete critérios: coerência e coesão (centrados no texto), intencionalidade,

aceitabilidade, situacionalidade, informatividade, intertextualidade (centrados no usuário). Fizemos até aqui um percurso sobre as conceituações e resignificações do texto no interior da linguística textual, passemos agora a uma breve noção sobre ciberespaço e hipertexto.

## 2 Ciberespaço e hipertexto: uma relação intrínseca

Após o levantamento teórico precedente, pudemos entender que o texto concretiza-se socialmente. Desse modo, dispor-se a analisar textos, requer a busca por refletir não apenas sobre os fatores linguísticos, mas associá-los ao ambiente social em que acontecem, no caso da proposta deste trabalho, ao *ciberespaço*.

Como sabemos, a tecnologia vem proporcionando aos seres humanos novas ferramentas para o uso da linguagem, uma delas é o *ciberespaço*, um ambiente virtual possibilitado pela integração de redes de computadores, a internet. As múltiplas possibilidades de circulação e produção de linguagem oferecidas pela Internet têm como característica principal a *virtualidade*. Para Lévy (1996) o virtual contém a futura existência do atual, que se atualizará. Há no autor, uma tentativa epistemológica de construir alguns referenciais sobre o pensamento baseado na velocidade e nas transformações da informática e das tecnologias da informação no mundo contemporâneo. Ainda segundo o autor,

O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se como instrumento dessa inteligência coletiva. É assim, por exemplo, que os organismos de formação profissional ou à distância desenvolvem sistemas de aprendizagem cooperativa em rede... Os pesquisadores e estudantes do mundo inteiro trocam ideias, artigos, imagens, experiências ou observações em conferências eletrônicas organizadas de acordo com interesses específicos (LÉVY, 1999, p. 29).

É nesse ambiente que os processos de interação ganham maior abrangência, realidades e culturas diferentes entram em diálogo através das novas maneiras de produção textual propiciadas pelos suportes que emergem dessa realidade tecnológica. Dentre esses suportes, as redes sociais são uma nova estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por algum tipo de objetivo em comum, no caso do *Facebook*, a característica principal são os relacionamentos, pessoas partilham valores e informações comuns. Essas ferramentas de integração trazem uma abertura que facilita o fortalecimento de opiniões, à medida que possibilita um maior número de pessoas em contato umas com as outras, trocando experiências e formas de ver o mundo. "Redes não são, portanto, apenas uma outra forma de estrutura, mas quase uma não estrutura, no sentido de que parte de sua força está na habilidade de se fazer e desfazer rapidamente." (DUARTE, 2008, p.156).

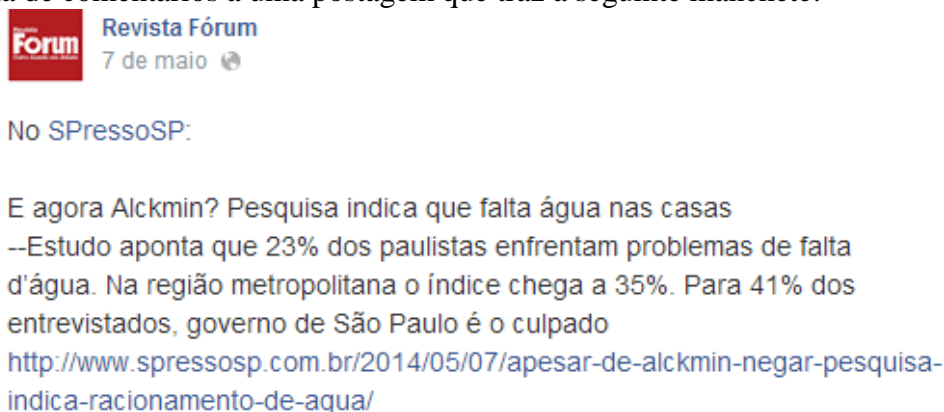
É nesse modo de interação, proporcionado pelo ciberespaço, que novos espaços de escrita surgem, sendo o *hipertexto* um deles, pois segundo Bolter (1991 apud MARCUSCHI, 2007, p. 149) o hipertexto introduz um novo espaço de escrita, denominado por ele como "escrita eletrônica", tendo em vista a tecnologia de base. Apesar dessa ligação intrínseca com os avanços tecnológicos, várias alusões ao hipertexto fizeram parte de pesquisas anteriores, mas não é intenção do trabalho esse levantamento histórico. Marcuschi aponta que o hipertexto,

Trata-se de uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente co-autor do texto final. O hipertexto se caracteriza, pois, como um processo de escritura/ leitura eletrônica multilinearizado, multisequencial e indeterminado, realizado em um novo espaço. (2007, p.146)

É essa natureza fragmentada que faz do hipertexto um desafio no contexto da atualidade, a aproximação das máquinas com a produção textual emergiu na ordem das relações do homem com o mundo e, conseqüentemente com a maneira de interpretá-lo. Falar da natureza do hipertexto é, segundo Marcuschi (2007, p.150), falar das características e especificidades que o determinam, dentre as principais, pode-se apontar: volatilidade, topografia, fragmentariedade, acessibilidade ilimitada, multissêmico, interatividade, iteratividade e não-linearidade. Esta última característica é apontada como uma das principais, pois sugere uma noção de descentramento, inexistência de um foco dominante. Observadas essas questões principais, passemos às análises.

### 3 Os comentários em rede: analisando o *corpus*

O corpus em análise foi composto por seqüências de comentários a dez postagens da *Revista Exame* em sua página oficial no *Facebook*, escolhidas de maneira aleatória num espaço de tempo referente ao mês de maio de 2014. Por questões de brevidade, foram observadas as recorrências entre as seqüências de comentários e citarei aqui dois exemplos do que foi analisado. Recorrendo aos sete critérios listados por Beaugrande & Dressler, já citados neste trabalho, a coerência é tratada por alguns teóricos como fator essencial na concepção do que venha a ser um texto. Em relação aos estudos de coerência hipertextual Storrer (2009) relaciona três fatores hipertextuais que distinguem e influenciam efetivamente o planejamento e a construção da coerência no hipertexto, em relação aos textos convencionais: processo de texto descontínuo, falta de limites visíveis nos documentos e falta de uma seqüência fixa de texto. São essas noções mais flexíveis que dão maior liberdade para avaliarmos de forma menos ‘encapsulada’ as produções textuais em meio virtual. Observemos a primeira seqüência de comentários a uma postagem que traz a seguinte manchete:



**Figura 1:** manchete postada no facebook. Fonte: <https://www.facebook.com/forumrevista?fref=ts>. Acessado em 8 de maio de 2014.

Até a data de acesso, a postagem havia recebido 39 comentários, dos quais listamos os que seguem abaixo:

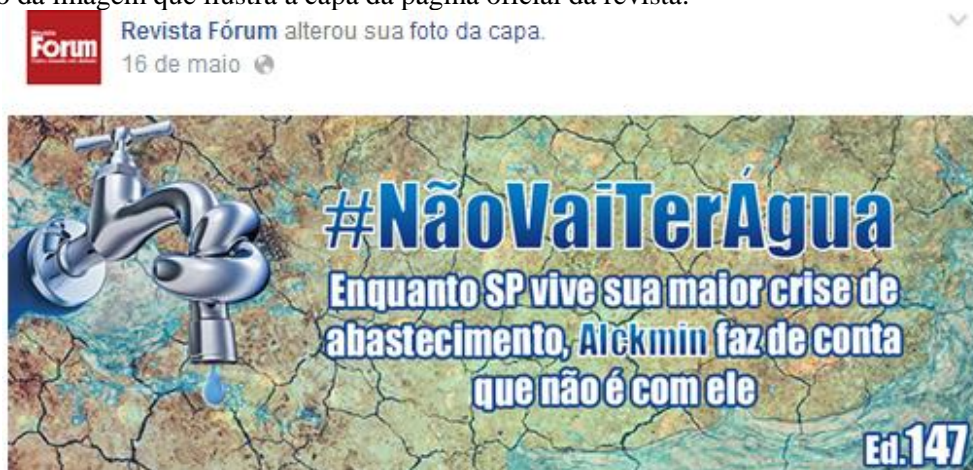
(1) *Provavelmente vai culpar o clima, assim como Dilma fez no caso da Inflação.* (2) *A culpa é sempre do outro, ninguém assume...* (3) *A culpa é de quem é culpado. E nesse caso a culpa é toda dos 20 anos de "privatização" lenta de Sabesp bem como outros recursos naturais públicos e dos roubos megalomaniacos dos #PSDBandidos* (4) *"João", que comparação infeliz... São 20 anos de PSDB em SP sem investir no abastecimento de águas!!!* (5) *Para não sofrer estragos na eleições, os nossos políticos fazem qualquer coisa, principalmente o que eles mais sabem fazer: mentir* (6) *Não creio que a comparação seja infeliz "Maria", até por que antes tivemos 8 anos de PMDB com Fleury e Quércia sem falar dos Prefeitos que passaram nesses*

*28 anos, vamos e venhamos esse Fla x Flu sobre politica é alienação em minha opinião.*

Esses foram alguns dos comentários que sucederam a postagem acima citada. Um primeiro ponto a ser observado é que há uma relação de significação entre um enunciado e outro, e de todos com o tema da postagem, salvo algumas exceções. Essa relação é marcada semanticamente, mas há fatores linguísticos que corroboram para uma unidade de sentido, por exemplo, no enunciado (4) há um explícito recurso de ligação quando o locutor cita o nome (“João” trata-se de um nome inventado para preservar a identidade dos falantes) de outro participante que já havia deixado um comentário, o mesmo acontece no enunciado (6). Esse “diálogo” corrobora para a unidade de sentido, mesmo que trazendo pontos divergentes a respeito do que está sendo tratado. Esse recurso de resposta direta a comentários precedentes é recorrente nas práticas textuais desse ambiente, tanto que foi disponibilizado o recurso “responder” para que os integrantes da discussão possam concordar ou divergir de forma mais direta ao que vem sendo comentado nas postagens.

A noção de unidade textual a qual recorreremos parte da ideia da relação entre uma frase e outra, é o que Marcuschi (2008) denomina de relações interfrásticas. O sentido de um texto e a rede conceitual que a ele subjaz emergem em diversas atividades nas quais os indivíduos se engajam. Essa construção do sentido é resultado de várias ações desses indivíduos e envolve sempre mais de um deles, seja o escritor da postagem que se dirigiu a um público alvo, sejam os leitores que passam a função de escritores dando continuidade ao tema exposto, pois o texto como processo, possui atividades situadas e o sentido se dá através do contexto. A coerência, por sua vez, pode ser vista a partir do modo como o leitor/escritor interagiu com o texto inicial (postagem) a partir dos elementos presentes na superfície textual, e como, a partir dessa interação, ele reconstrói os sentidos, ora confirmando-os, ora tomando posição contrária. E a presença dessas tomadas de posição divergentes, gera o conflito que apontamos nos enunciados (4) e (6).

A segunda sequência de comentários foi retirada não mais de uma postagem, mas da alteração da imagem que ilustra a capa da página oficial da revista.



**Figura 1:** Imagem postada no facebook. Fonte: <https://www.facebook.com/forumrevista?fref=ts>. Acessado em 16 de maio de 2014.

Até a data de acesso, a imagem apresentou 12 comentários, dos quais elencamos os que seguem abaixo:

*(7) Quer privatizar o resto da Sabesp! (8) Isso a tal TV Revolta não mostra! KKKKKKKKKKK (9) E o povo de SP faz cara de lápis. (10) Ele e todo o povinho do PSDB, fazendo Cara de Paisagem! (11) Água só tem importância em São Paulo, há décadas o Nordeste padece com a seca e nunca vi tanta*

*preocupação. Petistas! (12) “Joana” o que é cara de lápis? fiquei curioso. (12) Uma das coisas mais sórdidas na política é o que vemos aqui. Em vez de buscarem uma solução para o problema ou colaborarem em resolver a coisa, tripudiam apenas o grupo político contrário, no afã de conquista de poder temporal. # LAMENTÁVEL. (13) Realmente, “José”, você tem toda razão. Só que ao contrário. Além da Transposição do Rio São Francisco, os estados de Pernambuco, Bahia e Ceará fizeram grandes investimentos na distribuição de água ao longo da última década - desde reservatórios a redes de distribuição e até soluções mais simples como cisternas e poços. Daí não haver mais tanta preocupação com a seca do Nordeste.(...)*

Mais uma vez, o recurso de direcionar o que se diz/ escreve a um dos demais participantes acontece nesse recorte do *corpus*, nos enunciados (9) e (12), podemos dizer que se trata de uma ‘sequência’ dialogal-conversacional que auxilia no desenvolver do texto, apesar do tema ter sido desviado para qual seria o significado da expressão “cara de lápis”. Outro diálogo acontece entre os participantes dos enunciados (11) e (13), onde há um enfrentamento de opiniões. Um recurso que também se faz presente com certa frequência nos comentários são os *links*, próprios do hipertexto, que levam a leitura para outro ambiente, se o leitor decidir clicar sobre ele. Na frase (8), observamos o recurso sendo utilizado pelo enunciador, o *link* leva à outra página do *Facebook: TV Revolta*, que mantém posição política contrária à página da qual coletamos o *corpus*: a revista Fórum. Os *links* fazem parte do todo complexo da construção textual e são motivados pelas temáticas desenvolvidas ao longo dos comentários.

### **Considerações finais**

Todo processo de produção de textos caracteriza-se como um processo ativo e contínuo do sentido, ligando-se a toda uma rede de unidades e elementos suplementares, ativados necessariamente em relação a um dado contexto sócio-cultural. Dessa forma, pode-se admitir que a construção de sentido se dá pela relação dos recursos linguísticos empregados, junto ao contexto em que eles foram proferidos. O jogo de tematizações e retomadas observados nos exemplos do *corpus* servem como recurso para que a unidade textual aconteça, construída a partir de um tema central (postagem, atualização de informações da página, entre outras ações que podem desencadear o interesse dos usuários).

Cabe salientar que essa visão de texto como processo contribui às conceituações acerca das construções textuais originadas no ciberespaço, devido à natureza naturalmente complexa em que se desenvolvem e que afeta diretamente sua própria constituição.

Após o percurso sobre as diferentes formas de conceituar o texto, ficou evidente o quanto a linguística textual contribuiu e contribui para análises cada vez mais aprofundadas sobre seu objeto de estudo. De natureza interdisciplinar, esse campo teórico vem agregando estudos e valores para poder abordar de forma mais abrangente a complexidade da natureza textual.

Em relação aos enunciados veiculados nos comentários através da rede social *facebook* serem ou não construções textuais, podemos pontuar, a partir das análises realizadas, que se tratam de unidades coerentes entre frases, portanto possuem características de texto, segundo os pressupostos já mencionados neste texto. É importante ressaltar que, os comentários em postagens servem de suporte para a produção textual, e como tais, estão sujeitos a diversas situações comunicativas, cabe então ao analista utilizar-se dos recursos teóricos cabíveis para refletir acerca desses fenômenos textuais/discursivos que se



popularizaram ainda mais, após a inserção maciça da tecnologia em nossa realidade quanto sociedade.

## Referências

ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. Revisão técnica Luis Passegi, João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2008.

BENTES, Anna Christina. Linguística Textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 245-287.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.

COSTA VAL, Maria da Graça. Repensando a textualidade. In: AZEVEDO, José Carlos (org.). *Língua Portuguesa em Debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 34-51.

DUARTE, Fábio. FREI, Klaus. Redes Urbanas. In: Duarte, Fábio; Quandt, Carlos; Souza, Queila. *O Tempo Das Redes*. Editora Perspectiva S/A, 2008.

KOCH, Ingedore G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *O texto: construção de sentidos*. Porto Alegre: Organon, n.23, 1995, p. 19-25.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: 1999.

\_\_\_\_\_. *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MARCUSCHI, Luís Antônio. Aspectos linguísticos, sociais e cognitivos da produção de sentido. In: *Revista do Gelne*, ano 1, n. 1, 1999.

\_\_\_\_\_. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. In: \_\_\_\_\_. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p 146-170.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

STORRER, Angelika. A coerência nos hipertextos. In: WIESER, Hans Peter; KOCH, Ingedore G. V. (orgs.). *Linguística textual: perspectivas alemãs*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009, pp. 98-120.